



A Utopia da Paz

Maria do Céu Tostão

Caderno 28

Fundação Betânia

Junho – 2015

www.fundacao-betania.org

A Utopia da Paz

Maria do Céu Tostão

Grupo Ecuménico de Carcavelos

– 06 Junho 2015

1 – Alguns aspectos da nossa matriz civilizacional

A Europa é um dos principais marcos da civilização ocidental que tem uma matriz complexa e enraizada nos modelos clássicos greco-romano, bem como nas propostas do judaísmo e do cristianismo. A estes alicerces se juntaram, consoante a geografia e o processo histórico, as influências de árabes, germanos e eslavos. Oscilando entre a violência e o renascimento, entre os medos e as utopias, entre o ideal humanista e as tentações totalitárias, se foi construindo uma civilização imperfeita, mas única no planeta cuja diversidade cultural, histórica, linguística, etc., implica conflito e apresenta contradições, mas não dispensa os traços de identidade comunitária, onde as viagens são uma presença constante entre o Mediterrâneo e o Atlântico.

Estas marcas civilizacionais foram forjando estados e instituições organizadas que conquistaram e difundiram esses valores, cultura, línguas, religiões, etc. noutras geografias, por processos de colonização e miscigenação. Hoje é possível identificar traços da civilização ocidental além da Europa que já não tem impérios, mas deixou muitos sinais da sua presença.

2. Entre a violência e a promessa

Herdeiro dos ideais promissores do iluminismo (liberdade, igualdade, fraternidade, direito à felicidade, progresso científico, etc.) o ocidente envolveu-se em 2 Guerras Mundiais no séc. XX que desencadearam enormes catástrofes humanitárias de que são exemplo: as trincheiras, as deportações forçadas, o holocausto, os campos de concentração e extermínio, o lançamento das bombas atómicas sobre o japão, as perseguições implacáveis aos opositores de regimes autoritários à direita e à esquerda, as guerras regionais e revoluções, etc. Por essas razões, muitos designam o século XX como “o mais violento da história do ocidente”.

Contudo, esse século trouxe-nos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, a democratização do voto, a emancipação feminina, os direitos civis para minorias étnicas, o fim de vários regimes autoritários, (nomeadamente o nazismo, os fascismos e o comunismo), a independência de inúmeros países até então colonizados, avanços científicos notáveis em áreas até então desconhecidas: biociência, nanociência, telemática, robótica, informática, genética, etc. que proporcionaram avanços em domínios tão diferentes como: as viagens espaciais, televisão, Internet, telemóvel.

Eis-nos chegados ao limiar de uma nova era!

Os que propõem uma explicação baseada no chamado “choque de civilizações” usam um argumento frágil à luz da experiência histórica. As grandes rupturas da História começam quando surge um pensamento novo e inovador, decorrem das grandes utopias que, demasiadas vezes implicaram processos violentos.

3. Entre a utopia da Paz e a agonia da Confiança

A Paz foi, desde sempre, um desafio. Na Grécia Antiga, por exemplo, os Jogos Olímpicos implicavam uma paz sagrada, um tempo de excepção dedicado aos deuses onde se suspendia a violência humana.

Numa Europa de impérios, massacres e guerras, o primeiro anúncio da Paz como itinerário de vida em comunidade chegou pela mensagem dos primeiros cristãos que adoptaram a saudação de Jesus: *“A Paz esteja convosco!”* Foram perseguidos, martirizados e deram a vida, corajosamente, na defesa dessa utopia. Depois, outros cristãos deram a morte aos seus semelhantes, numa lógica de poder embrulhada em cores religiosas! Envolveram-se no escândalo da violência de que, como disse, o século XX é exemplo maior. Houve cristãos do lado das vítimas e houve cristãos do lado dos carrascos, por colaboração e até por omissão. Também houve cristãos anónimos que acolheram e protegeram os perseguidos.

A intuição corajosa de um projecto de Paz para a Europa começou nos meados desse século tão violento e na sequência daquelas contradições. Esse projecto de Paz é o mais importante feito humano nos últimos 70 anos! Nenhum outro espaço do planeta tem condições de natureza semelhante que configuram um conjunto notável de realizações em nome da Paz: direitos humanos, paz social, paz entre mais de uma vintena de estados (outrora inimigos), direitos

laborais, dignidade das crianças, estatuto de igualdade para homens e mulheres, saúde e educação para todos, respeito pelas minorias, acesso à água, saneamento, energias, comunicações, viagens, desenvolvimento científico, uso e aplicação das tecnologias... etc. etc. numa nova realidade que atingiu níveis de bem-estar assinaláveis que se tornaram um sonho para outras sociedades!

Vem sendo um lento processo de construção, um gerúndio difícil que assenta na paciência de conhecer, compreender, comunicar, negociar, fazer e refazer... Leva tempo e está longe da perfeição! Muitas vezes este projecto sonhado por Jean Monnet e Robert Schuman é ameaçado.

«A paz mundial não poderá ser salvaguardada sem esforços criativos que estejam à altura dos perigos que a ameaçam.» (...) «A Europa não se fará de uma só vez, nem de acordo com um plano único. Far-se-á através de realizações concretas que criarão, antes de mais, uma solidariedade de facto.» (Declaração Schuman ¹, maio de 1950)

Este projecto de Paz para a Europa merece o nosso cuidado e envolvimento permanente dado ser uma construção constante que ultrapassa a própria Europa. É uma interacção permanente com o mundo, tal como o conceberam os chamados pais fundadores, “ (...) líderes visionários [que] inspiraram a criação da União Europeia onde vivemos hoje. Sem a sua energia e motivação, não estaríamos a viver na esfera de paz e estabilidade que tomamos como garantidas. De combatentes da resistência a advogados, os fundadores foram um grupo diverso de pessoas que acreditavam nos mesmos ideais: uma Europa em paz, unida e próspera. Para além dos fundadores descritos abaixo, ² muitos outros trabalharam de forma incansável com o mesmo objetivo e inspiraram o projeto europeu.”

Este processo histórico notável não foi acarinhado pelas potências vencedoras da II Guerra Mundial (EUA e URSS) que, durante o período da Guerra Fria procederam à hábil partilha do continente europeu consoante os seus interesses estratégicos. Dividiram politicamente, ocuparam militarmente e estabeleceram condicionamentos vários: da cultura, à ciência, à economia, à vigilância, ao desporto, às artes, à educação, etc. passando pela propaganda

¹ A Declaração Schuman foi proferida pelo ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, em 9 de maio de 1950. Nela se propunha a criação da Comunidade Europeia do Carvão e do Aço (CECA) com vista a instituir um mercado comum do carvão e do aço entre os países fundadores que deu origem à atual **União Europeia**. - *In*, **A Declaração Schuman de 9 de maio de 1950** disponível *on line* em: http://europa.eu/about-eu/basic-information/symbols/europe-day/schuman-declaration/index_pt.htm

² Konrad Adenauer | Joseph Bech | Johan Willem Beyen | Winston Churchill | Alcide De Gasperi | Walter Hallstein | Sicco Mansholt | Jean Monnet | Robert Schuman | Paul-Henri Spaak | Altiero Spinelli. - *In*, **Os Fundadores da União Europeia** disponível *on line* em: http://europa.eu/about-eu/eu-history/founding-fathers/index_pt.htm#box_9

(cinema, música, moda...) que teve um papel decisivo na formação de sucessivas gerações de europeus.

A erosão dos valores, o desprezo pelo transcendente, a desconfiança sobre o projecto europeu, a desvalorização do património histórico comum, foram amplamente propalados e substituídos pelo relativismo, pelo deslumbramento em torno de projectos alternativos de totalitarismo, pelo apelo ao consumo, pela formação de estereótipos, pela massificação, pela crescente desumanização das instituições, pelas inúmeras formas de alienação. O vírus da desconfiança foi sendo introduzido de maneira subtil e vai-se estendendo ao sistema democrático e às suas instituições frequentemente abaladas pela corrupção e invadidas por decisores ao serviço de interesses obscuros e de organismos secretos não escrutinados...

Entretanto um sistema que se constituía como paraíso alternativo de igualdade e captara a atenção e a energia de uma parte das elites no ocidente ruiu e deixou o vazio, a decepção e a desorientação.

4. Este é um *tempo de caos*

A “velha” Europa está entre a utopia da Paz e a agonia da Confiança. Assim, estamos hoje perante a pergunta: e agora?

Agora estamos num *tempo de caos*, de multipolaridade alimentada pela globalização da comunicação, das tecnologias, da economia, da finança e da cultura. Várias potências emergiram dos escombros da Guerra Fria e crescem em simultâneo com a decadência do mundo bipolar. Estas potências influenciam vastas regiões do planeta directamente e vão-se impondo ao resto do mundo, frequentemente alheias aos Direitos Humanos e à Paz, num crescendo descontrolo da depredação do ambiente, da competição selvagem, da miséria, da doença, da ignorância, da violência inusitada e insuportável.

Crescem sinais de desorganização mundial, de retrocessos na concepção do humano, de cultura de descartável, de impotência face a novas formas de barbárie, de ganância mundializada, de novas formas de escravatura.

Em vastas regiões do mundo, valores matriciais do ocidente como: Liberdade, Igualdade, Fraternidade, Paz não são reconhecidos! Curiosamente muitos insistem em afirmar que isso é sempre exclusivamente “culpa do ocidente”.

Nenhuma das potências emergentes está preparada para liderar o presente e isso assusta-nos.
Ergue-se o espectro da guerra outra vez...

5. Uma utopia para o nosso tempo

É possível identificar uma utopia para o nosso tempo? Proponho-vos a Paz!

Continuemos a cuidar da Paz assumindo, pelo menos, um decálogo para a Paz:

1. a Paz diz respeito a cada pessoa na procura da harmonização consigo mesma, com os outros, com o mundo e com o mistério que nos transcende;
2. a Paz depende da educação que é tarefa modelar de todos e para toda a vida;
3. o cuidado com o ambiente é um imperativo de garantia da Paz no futuro;
4. a virtude da paciência terá de se afirmar no lugar do imediatismo;
5. os traços de identidade que nos caracterizam devem ser corajosamente assumidos como um património rico na diversidade, único no mundo embora imperfeito;
6. a participação cívica democrática e responsável implica também novas exigências relativamente aos líderes políticos e outros dirigentes;
7. o acolhimento dos outros (refugiados, imigrantes, nómadas, minorias) não se deve traduzir em multiculturalismo indiferente, mas tem de assumir um carácter de integração pacífica;
8. a identidade cultural, nacional, linguística, histórica, religiosa e civilizacional deve ser assumida como um factor decisivo para a construção de um futuro comum;
9. a diversidade que enriquece faz-se em diálogo, requer vontade de conhecer o outro e não se entrega a uma ideia vaga de tolerância sem referencial;
10. e que a Paz é a única Esperança de Futuro!